

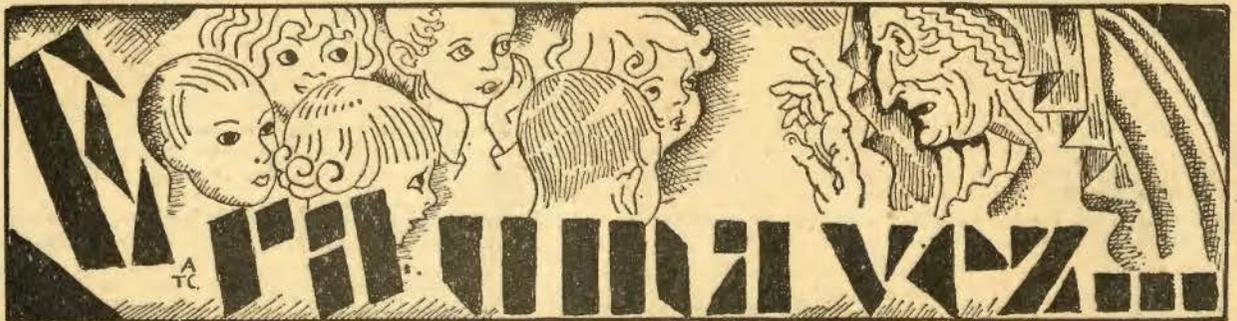


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



História de um Burro Aventureiro

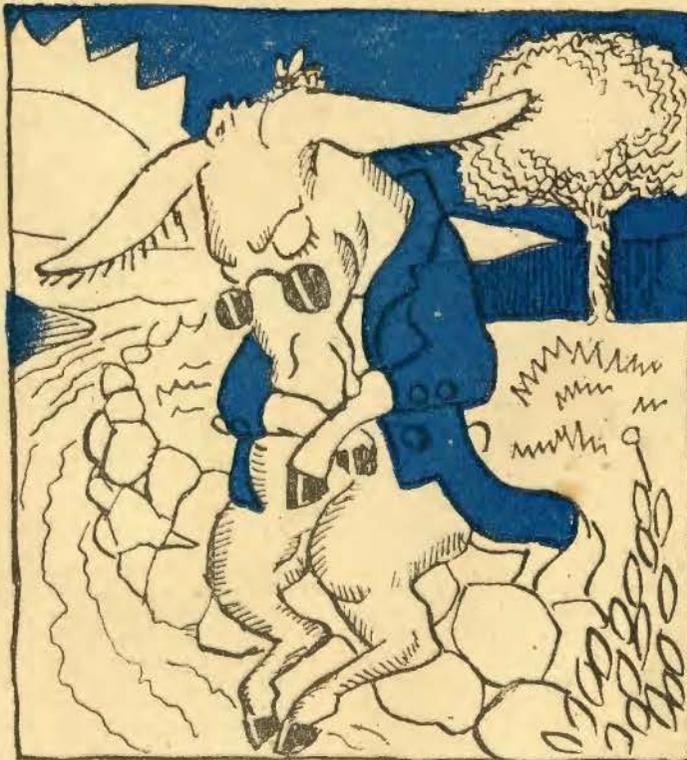
POR JOSÉ PINTO DE MAGALHAES
DESENHOS DE CASTAÑÉ

CERTO burro, já cansado de tanto puxar á nora, em casa de seu amo, resolveu fugir.

Para isso foi arranjar a sua trouxa, que se compunha de um grande par de óculos pretos, oferta do gato da vizinha, e uma casaca já um pouco coçada que conseguira surripiar do baú do amo.

Altas horas da noite, depois de pôr os competentes óculos e a casaca, resolveu partir. Saltou o muro e desatou a correr e a zurrar de satisfação.

Depois de muito correr, e já cansado, sentou-se á beira da estrada e começou a pensar que destino havia de levar; tanto pensou que, por fim, adormeceu. Quando acordou já o sol ia alto.



Levantou-se, espreguiçou-se e começou a comer na fresca relva. Depois de ter comido, resolveu-se a seguir caminho, quando ouviu uma grande algazarra.

—«Ai que desgraça! (zurrou êle), são os criados do meu amo que andam á minha procura! E desatou a galopar pela estrada fora, até que bateu com as ventas numa porta. A porta abriu-se e apareceu uma velha.

—«Que barulheira é esta?!» disse ela.

Então o burro contou-lhe toda a sua história e a velha disse-lhe:

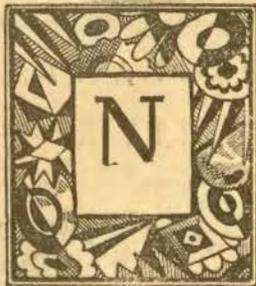
—«Se quizeres ficar cá em casa, hás de ir todas as noites, á floresta, buscar lenha.»

(Continua na 4 pagina)

MENINOS FEIOS

POR ZALIA

Desenhos de Castañé



UMA manhã de Agosto, quente, abafada, ameaçando tempestade, tomei o comboio que se dirigia para a Beira, onde tinha uma pessoa de família que ia buscar. O comboio corria, corria sempre, e eu, pelas janelas via aparecer e desaparecer montes, vales, casas, vinhedo e arvoredo, e, debruando tudo isto, uma linda fita, primeiro cinzenta, como o céu, depois azul, como a cor em que ele se mudou com o avançar do dia. Fi-

ta linda, enorme, a desdobrar-se incessantemente, ora direita, ora aos recortes, onde os barquitos de véla semelhantes a enormes gaiotas, singravam docemente, impelidos por uma leve aragem, que, do norte, se levantara. Esta fita era o Tejo, um dos nossos lindos rios, que os meninos devem conhecer.

O comboio, com o andamento que já levava, depressa chegou ao Entroncamento, e eu, como tinha entrado numa carruagem que não seguia para a Beira, pois o comboio dividia-se ali, tive que mudar de carruagem e fiquei muito satisfeita quando vi que, naquella para onde tinha mudado, apenas se encontrava uma senhora, que, certamente, não me incomodaria, pois eu fui para um compartimento onde não ia ninguém mais. Sentia-me contente por pensar que iria ali muito melhor do que tinha vindo até então, visto o calor ser grande e eu ter, ainda, bastante tempo de viagem.

Poderia lanchar à minha vontade e dispunha-me a satisfazer essa necessidade do estômago, quando ouvi uma grande algazarra, e, aterrada, vi entrar, pela porta do compartimento em que me encontrava, não sei quantas pessoas, carregadas com malas, sacos, mantas de lã, chales, lenços, alforques, cestos e ainda um garrafão com água.

No corredor encontravam-se mais volumes, mas eu, encolhida no meu canto, até tinha medo de olhar para eles, com receio de que os donos os fôsse também buscar, a-pesar-de já não haver lugar para mais nada.

Encheram as redes, puzeram mantas sobre os assentos da carruagem, cestos no chão, eu sei lá! Não se entendia nada!

O passageiro que vinha na frente, com um grande ar de a-

vontade, que, quando não é natural, é sempre falta de educação, gritava para os outros que havia lugar para tudo e que se não houvesse ali, iam para as outras divisões; e, com efeito, assim foi; os embrulhos eram tantos que não couberam todos ali, tendo muitos que ser levados para outro lado, onde foram pejar as redes.

Como não pudesse comer em sossego, resolvi guardar o meu pobre lanche, e esperar melhor ocasião para continuar a minha tarefa, tão intempestivamente interrompida.

Depois de tudo acomodado, resolveram sentar-se e, então, consegui ver; — duas mããs, quatro meninos, dos quais duas garotas muito interessantes, duas criadas, muito atrapalhadas com os seus aventais brancos, cheios de bordados, e, sem saber o que haviam de fazer das mãos, onde brilhavam uns aneis de celuloide verde, com pedras muito vistosas, que elas fitavam embevecidas, e ainda três cavalheiros (ia-me esquecendo dos senhores, por causa dos aneis).

O que parecia o chefe daquele belo grupo, muito gordo, muito suado, limpava as bagas que lhe corriam pelas faces,

enxugava a cabeça, donde os cabelos tinham há muito fugido, e, muito ufano, mostrava a camisa cheia de suor. Os seus companheiros pareciam muito penalizados por o verem assim, e, entretanto, iam despidendo os garotos que gritavam, batiam com os pés no chão, e exigiam que lhes tirassem a roupa, pois estavam cheios de calor.

Não calculam, meus amiguinhos, como pareciam feios aqueles meninos mal educados, a-pesar-de terem umas feições muito correctas e serem muito gentis! Mas a maldade desfigurava os seus rostozinhos.

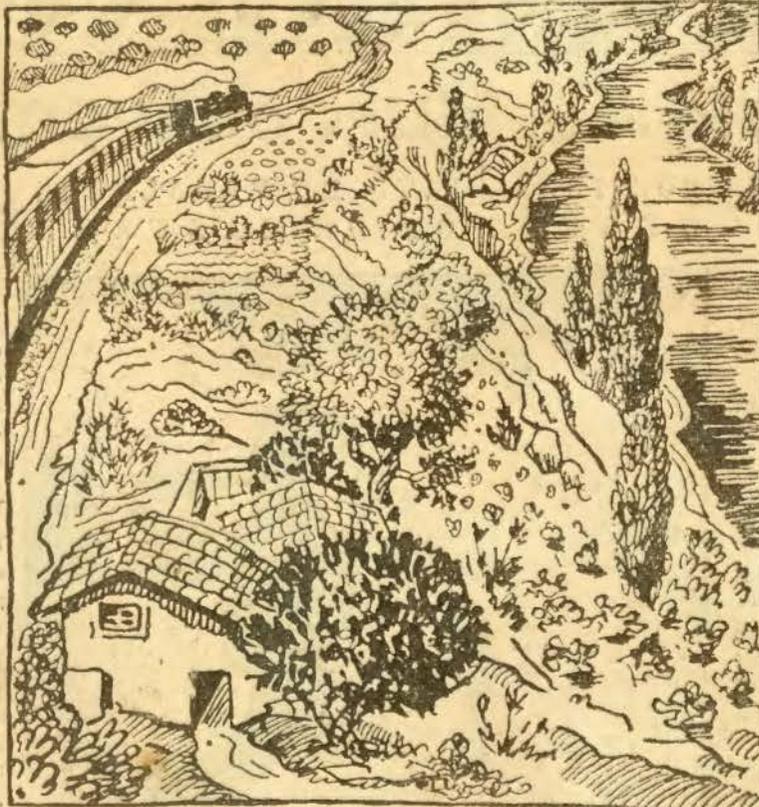
Depois de muita paciência das mães, lá ficaram em roupas menores e, ainda assim mesmo, pouco satisfeitos.

Como calculei que a borrasca tinha passado, comecei, então,

o meu leve repasto, e, olhando por acaso para os meus companheiros de viagem, notei que eles me fitavam, como se eu fôsse um animal raro.

Não durou muito o sossego dos meninos; o mais velho, que contaria os seus oito anos, como me visse perto da janela, entendia que o lugar devia ser para elle, pois queria ver a estação, e, quando o comboio partisse, queria ir vendo o campo. Novamente a mãe teve de intervir, levando-o para outro lugar, onde podia ir à jancia, como era seu desejo.

Imaginem os meninos que ficou por aqui o desacato dos meus pequenos companheiros? Isso sim! Mal aquele se ca-





Como se os meninos mal educados não incomodassem todas as pessoas que os ouvem ?!

As garotas calaram-se e agora só se ouvia o choro dum petizinho de colo, acompanhado da discussão das duas mães, que teimavam em dizer que não poupavam acoites aos filhos, e querendo ambas ser a mais austera.

O meu lanche foi comido à pressa, pois o cheiro a azeite que vinha das mantas, e o pó que se levantava quando meriam nos embrulhos, acabaram-me com o apetite.

Eufim, eu estava aborrecidíssima e o comboio sem partir. Que longas me pareceram aquelas duas horas!

O senhor forte foi comprar uvas que repartiu pelas crianças, e, então, era ver como elas sujavam a carinha com a fruta! Dava pena vê-las, assim, tão sófregas! Dir-se-ia que nunca tinham comido uvas!

De repente ouviu-se novo choro. Era uma pequena que tinha deixado cair, duma das janelas para a gare, o cacho que estava comendo, e, como era muito teimosa, só queria aquele, tendo a criada que ir buscá-lo, cheio de terra. Limpáram-no como puderam, e a menina continuou a comê-lo. O garoto, depois de ter feito desaparecer as uvas, limpou as mãos às calças.

O comboio partiu, mas o barulho continuou, até que um dos cavalheiros teve a feliz idéa de os mandar brincar para um compartimento de primeira, que não levava ninguém.

Foi um alívio! Os petizes para lá foram, começando a cantar e a dançar à moda da Beira. O mais velho voltou pouco depois, com grande susto meu, pois já esperava ver assomar os rostos dos seus insuportáveis companheiros. Felizmente não havia razão para receios, pois o rapazinho abriu a mala da mãe, tirou de lá uma flauta e voltou para o lugar donde tinha vindo, recomeçando o baile mais animado ao som do instrumento musical, tocado desafinadamente, e acompanhado por um bater de pés, que ameaçava não acabar, quando, graças a Deus, cheguei ao meu destino.



lou, começaram as duas petizas a pedir água. Ambas queriam beber ao mesmo tempo. Uma era dona do copo e a outra da água. A primeira dizia: Não hás-de beber pelo meu copo; e a criada da segunda, respondia: O copo é seu, mas a água é nossa!

A garota, muito arrelhiada, sentou-se no pavimento, onde mascarrou as mãozitas e sujou as coecas. A mãe obrigou-a a levantar-se, e ela entrou a chorar e a esfregar os pés um pelo outro, alcançando, neste movimento, as meias, que, por serem brancas, ficaram num estado lastimoso.

Dizia, então, a mãe: — São uma «desgrácia»! As pequenas, não podem sair!

— Que inferno! Acrescentava a criada que se levantou e foi para o corredor, onde esbarrou com os senhores que lá se encontravam.

O choro continuava, e o tal senhor gordo aparecia, de quando em quando, à porta do compartimento, dizendo:

— Deixem as crianças à vontade, elas não fazem mal.

Esta história verdadeira, mostra bem quanto são inconvenientes as crianças mal educadas, e como aborrecem a todas as pessoas.

E' bem certo o ditado: *Menino mal educado, não pode ser estimado!*

História de um Burro Aventureiro (Continuação da primeira página)

O burro disse que sim, e a velha mandou-o entrar.

Passaram-se dias, e uma noite, ao voltar da floresta, viu por uma greta da porta, muitos vultinhos negros aos pulos. Quando se aproximou da porta tudo desapareceu. Entrou e viu a velha, muito sossegada, a fiar ao pé da lareira. Deitou-se



com tenção de averiguar o sucedido, na noite seguinte.

Chegou a citada noite, e o nosso burro saiu para ir á floresta, mas, mal deu dois passos, pôs-se á cóca ao pé duma janela.

Acabava o burro de se pôr á espreita, quando a velha se levantou abriu um alçapão e deu três assobios.

Uma nuvem de diabretes invadiram a casa e começaram a dançar um «fox-trot» juntamente com a velha.

O burro, ao ver isto, desatou a fugir numa correria louca e só parou em frente dum lindo castelo.

Zurrou três vezes e apareceu um criado.

O burro perguntou-lhe, então, se não precisavam d'ele para qualquer serviço, menos para andar á nora...

O criado fol lá dentro, e voltou, dizendo que o patrão d'ele, precisava dum burro para passear os filhos.

O burro aceitou muito contente, e levaram-no para um jardim, onde estavam brincando três meninos que, ao vêrem-no, saltaram logo para cima d'ele; bateram-lhe, picaram-no, puxaram-lhe pelo rabo, enfim, fizeram-lhe mil judiarias.

O pobre do burro sofreu tudo com paciência mas, ao terceiro dia, resolveu mudar de poiso e, aproveitando uma folga que os garotos lhe deram, desatou a correr por aqueles campos fora.

Já era noite cerrada... quando parou para descansar.

Nisto, sentiu uma galopada e aproximaram-se muitos cavaleiros, embuçados.

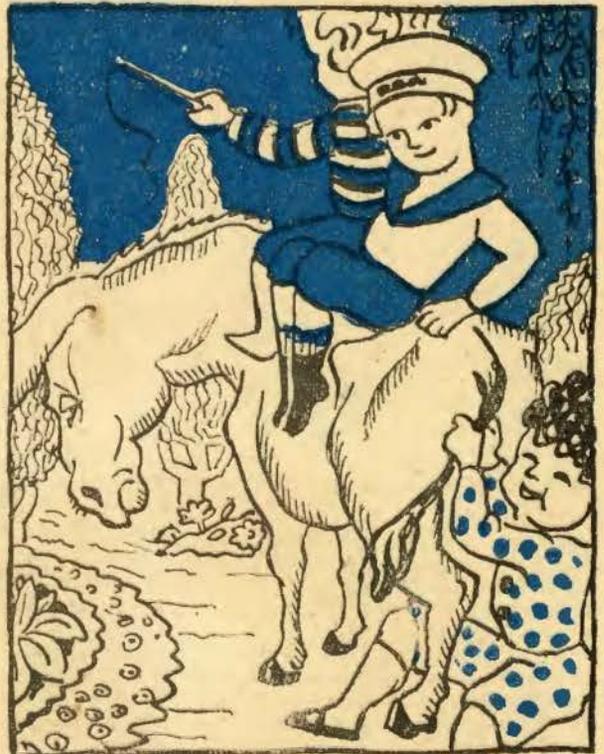
— «Olha um burro!» disse um.

— «Vai fazer-nos um arranção!» disse outro.

Um d'eles desceu do cavalo, dirigiu-se para o infeliz burro e atou-lhe uma corda ao pescoço, que, em seguida, atou ao selim do seu cavalo.

Depois carregaram-no com uma quantidade de sacos, que levavam debaixo das capas.

A calvagada pôs-se outra vez em marcha e o



pobre burro teve que correr, á força, rebocado pelo cavalo.

Passados alguns minutos passaram em frente dum barracão, apiaram-se e entraram.

Um dos cavaleiros tirou-lhe a carga do lombo e levou-o, juntamente com os cavalos, para uma cavalariça.

ENIGMA PITORESCO



O R R R 1 O M M !



DA



QM É Q



O

R R R ?



EU ! - I

R Q ? -



11 - z + d



Filho de Adão 4 LETRAS

AMÉRICO DOS ANJOS GONÇALVES - BRAGANÇA

DIMINUIÇÃO ERRADA



—«Ora vamos . . . (diz ao Pum, o mestre-escola, na aula:) Quem de seis tira só um—, quantos ficam?! Dize, fala!»

Como o Pum não saiba, enfim, ou esteja de mangação, mestre-escola diz, então: «Por exemplo, . . . : Num pudim,



em casa dos teus papás, poisam seis moscas. Que fazes?! Emxotá-las tentarás; o espanador logo trazes.

Mas imagina que, entanto, matas uma, uma cai morta; Se ao todo eram seis, portanto . . . Ah, rapaz que és uma porta! . . .



Bem vou dizer, já desisto . . . Eram seis; se uma destróis, ficam só cinco!»

Mas, nisto, diz Pum, herói dos heróis:

—«Não ficam tal; fica uma; porque as outras cinco, logo voam, fogem, vão-se, em suma, dão às de Vila Diogo!»